

VIOLÊNCIA POPULAR CONTRA BANDITISMO

19/6/87

— exortação do Chefe do Estado em Pemba ♦ Comitiva presidencial regressou ontem à capital

O Presidente do Partido Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, Joaquim Chissano, disse ontem na cidade de Pemba que a violência quando é dirigida contra o povo, este deve levantar-se contra os seus promotores, não importa se «são nossos irmãos». O Chefe do Estado fez esta afirmação ao abordar a acção criminosa dos bandidos armados contra o nosso povo. O Presidente Chissano falava perante cerca de 50 mil pessoas no comício que marcou o fim de cinco dias de visita à província de Cabo Delgado. A comitiva presidencial regressou ao fim da tarde de ontem à capital.

No seu discurso, o Presidente Chissano voltou a destacar, uma vez mais, a questão do reforço da Unidade Nacional para defender a Independência Nacional e reconstruir o País.

Segundo o próprio Presidente, a visita a Cabo Delgado teve como objectivo central auscultar os diversos problemas que afectam as populações daquela região norte do País, para em conjunto encontrar as melhores soluções.

Para o Chefe do Estado, a visita à província de Cabo Delgado foi igualmente para reforçar a unidade nacional do Rovuma ao Maputo.

— O que fizemos em 12 anos é muito superior ao que o colonialismo fez em 500 anos, e podíamos ter feito mais, mas o inimigo sempre atenta contra o nosso desenvolvimento — disse o Presidente Chissano falando perante a população da cidade de Pemba.

Ele acusou os nossos inimigos de retardar o desenvolvimento do País, destruindo as aldeias, escolas, hospitais, machambas, fábricas, ao mesmo tempo que acusam a Frelimo de nada ter feito senão trazer a fome.

O Presidente Chissano disse por outro lado, que o inimigo força-nos a viver de esmolas e a contrair empréstimos. Apontando como exemplo, o Chefe do Estado afirmou:

— Quando dissémos que podíamos pagar as nossas dívidas com o açúcar que produzimos no País, o nosso inimigo destrói as fabricas de açúcar, destrói as minas de pedras preciosas e outras infra-estruturas económicas.

Durante o comício de ontem em Pemba, a exemplo do que aconteceu nos encontros anteriores, Chissano frisou que aqueles que se opunham à nossa independência continuam a querer destruí-la.

«Há quem quer pôr em causa a nossa unidade, há quem quer pôr em dúvida a vontade do povo de lutar e vencer, mas ela está aqui» — disse Chissano, apontando milhares de pessoas que enclum por completo o local onde o comício se realizou.

A uma pergunta do Presidente, se alguém estaria cansado de defender a independência e a liberdade, numa autêntica explosão, o povo respondeu em coro que venham, nós saberemos sempre defender a nossa independência, ao mesmo tempo que um grupo de jovens gritava sim ao chamamento da Pátria.

Chissano historiou as sucessivas tentativas do inimigo para destruir a Revolução moçambicana, desde o massacre da Mueda, em 1960, e depois da criação da FRELIMO e da independência de Moçambique em 1975. Segundo o Presidente, em todas essas tentativas e noutras que vier a encetar, o inimigo engana-se.

Chissano frisou que após o massacre de Mueda, o povo começou a pensar na forma de aumentar a sua força.

Ele disse que dentro desta perspectiva que o Povo moçambicano decidiu criar os seus próprios instrumentos: os movimentos de libertação. Primeiro foram movimentos dispersos, a UDENAMO, para o sul e centro, a UNAME, para o centro e a MANU para o norte. Mas muito cedo, dois anos

depois, vimos que era necessária a unidade e criou-se a FRELIMO do norte ao sul para que o Povo moçambicano se levantasse contra o colonialismo português» — frisou o Presidente.

Chissano disse que quando a FRELIMO foi criada, os colonialistas pensaram que fosse só para um grupinho de pessoas que estavam na Tanzânia, e, que em pouco tempo, seria possível eliminá-la.

«Nas suas tentativas, o colonialismo teve várias manhas e a última foi o assassinato do Presidente Mondlane. Não conseguiu nada. O combate generalizou-se e conquistámos a independência» — disse.

O dirigente moçambicano deixou claro que a FRELIMO não podia ser destruída porque é constituída por cada cidadão nacional «sem distinção da cor da pele, da raça, da religião, da tribo, sem distinção do dialecto que as pessoas falam».

O Presidente acrescentou que agora, «o inimigo criou os bandidos armados que nos assassinam, mas não conseguem» destruir essa unidade.

«Primeiro eles deram-nos um prazo de seis meses. Disseram que depois de seis meses a Frelimo vai desaparecer, o Governo de Moçambique vai cair. Mas já passam 12 anos. Em cada ano eles dizem que este 25 de Junho é o último, porque pensam que o povo está cansado de defender a sua independência e liberdade» — disse o Presidente Chissano.

Chissano saudou o povo pela resistência que, em todas as províncias do País, tem sabido oferecer àqueles que querem destruir a independência e as Forças Armadas de Moçambique, que

em todo o lado combatem os bandidos armados apoiados pela África do Sul.

Na visita que o Presidente Chissano fez a Cabo Delgado, fazia-se acompanhar de sua esposa, Marcelina Chissano, e de uma delegação constituída pelo Secretário do Comité Central do Frelimo para a Organização, Eduardo Arão, pelos Ministros da Agricultura e da Construção e Águas, João Ferreira e João Salomão, respectivamente, e ainda pelo Inspector do Estado, Raimundo Pachinuapa. (AIM)